

Comunicação Poética

Sou a Pedagogia

Darlene Corrêa
Estudante de Pedagogia/CCSE/UEPA

Sinto a sensação de estar presa e exposta.
Envolta, tantas vozes disfarçadas,
outras silenciadas.
Sou um alvo a mais ao alcance de todos.
Ou todos o somos.
Talvez já não exista saída, e em sequência
as coisas vão acontecendo, e eu não sei o que
vai
vai acontecer.
Talvez seja um fato consumado para muitos,
o não seja um fato; um ponto em riste,
talvez como se estivesse em uma "vitrine" de
um mundo transcendente e alianado.
Limitando, as coisas vão passando.
O saber.
A luta.
A consciência.
A ousadia de um educador que afasta o medo,
Minha busca incessante refaz a esperança de
novo amanhã.
Ainda tenho a mim.
E sinto a euforia de despensar
Voar alto
Vencer as limitações
Esquecer os obstáculos
Estilhaçar os vidros e acordar o mundo
Não. Não quero o vosso lugar.
Repudio a luta entre irmãos.
Quero só os espaços onde sou necessária,
Quero me traduzir em prática de transforma-
ção,
Quero acontecer.
Afinal, sou a filosofia do educar
Sou a PEDAGOGIA

Nostalgia Amazônia

Laises do Amparo Braga
Centro de Ciências Sociais e Educação / UEPA

Dentre os ministérios da Amazônia fascinante
Ar deste bosque eu respiro inebriante
Aqueles idos, eu removo o meu passado
Vou plantando pensamento no passado
Da fantasia, já meio encoivarado.
O milharal em embonecando

O manival todo brotando,
Jerimus e melancias no plantio
Curumins e cunhatás
Pescando aruanãs
E namorando à beira-rio

Da baunilha o cheiro e sabor
Do capim agreste aroma e cor
Salva-de Marajó que me curou
Água de Ajuruteua me luvou.

A seringueira altaneira
Aleita a mata e a ribanceira
As marimbas nos açazais
Resistem à fúria dos temporias.

Canarana, na encente, via passando
Rio acima, nostalgia e poesia vai levando.

Embalada nela vai minha alegria
Meu verso escrito em proa de montaria
Com tinta encarnada de urucum
Molhada a pena de mutum.

E a pororoca em avolroço
Revolve águas em destroço
No arrastão do aningal
Rio-Mar dá terrível festival.

E a lua-cheia sorri toda faceira
Pro Amazonas, espelho da companhia
Nas águas turvas, ela veio se banhar
O corpo iluminado quis agora bronzear.

Minha ubá em maré-grande de bubuia
Vai levando uma cabocla quase nua
Meu caniço preso ao beijo de uma cuia
No espelho embaciado desta rua
No asfalto, pesca lembrança à meia-lua.